

MIGRAÇÕES E MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES DOS IMIGRANTES EM BOA VISTA - RR

Pedro Marcelo Staevie

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

MIGRAÇÕES E MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES DOS IMIGRANTES EM BOA VISTA - RR

Resumo: o presente artigo busca mostrar o processo migratório em direção a Boa Vista e às múltiplas territorialidades existentes no espaço urbano da cidade. Com uma população marcadamente formada por imigrantes, sobretudo nordestinos, a capital de Roraima configura-se numa cidade multifacetada, lócus de distintas manifestações territoriais.

Palavras-chave: Migração, territorialidades, Boa Vista.

MIGRATIONS AND MULTIPLE TERRITORIALITIES OF IMMIGRANTS IN BOA VISTA, IN THE STATE OF RORAIMA

Abstract: the present article aims to show the migratory process towards the Boa Vista city and the multiple existing territorialities in the urban space of the city. With a population formed by immigrants, mostly northeasters, the capital of Roraima is configured in a multifaceted city, a place of distinct territorial manifestations.

Key words: Migration, territorialities, Boa Vista.

Recebido em: 10.11.2010. Aprovado em: 16.06.2011.

1 INTRODUÇÃO

Com a tomada do poder pelos militares em 1964, um novo modelo de ocupação e desenvolvimento econômico para a Amazônia é colocado em prática. Sob os auspícios do discurso da soberania nacional e da necessidade de resolução de conflitos agrários no Nordeste do país, a “terra de poucos homens” torna-se foco principal das ações colonizadoras por parte do governo ditatorial.

O rebatimento desta nova política em Roraima¹ só ocorreu em 1975, com a criação do POLORORAIMA, no âmbito do Programa Polos da Amazônia (POLOAMAZÔNIA). Este programa incentivaria “[...] o acréscimo na escassa mão de obra local, de população externa via *migração*.” (MINTER, 1975, apud BARBOSA, 1993, p. 52, grifo nosso).

Para o período de 1975 até 1979, o orçamento do POLORORAIMA previa investimentos na ordem de US\$ 53, 8 milhões, o que correspondia a quase 51 vezes o valor do ICM arrecadado pelo Território em 1980. Deste total, 45% eram de total responsabilidade do POLOAMAZÔNIA, 41,9% viriam de outros ministérios² e os restantes 13,1% do governo local. Como era um Território Federal e não possuía receita própria, na prática todos os recursos eram oriundos da União. No orçamento previsto, havia recursos destinados para a criação de novas colônias agrícolas, regularização da posse da terra e abertura de novas estradas que “dariam suporte ao enquadramento de novos colonos no Território.” (BARBOSA, 1993, p. 180).

Estes vultosos investimentos acabaram por possibilitar um fluxo migratório em direção a Roraima, que só não foi mais intenso.

Devido ao ainda difícil acesso e, em parte, todos os governos locais dessa época eram regidos por militares pouco estimulados ao desenvolvimento de uma base política futura. (BARBOSA, 1993, p. 180).

2 MIGRAÇÕES, EXPANSÃO DEMOGRÁFICA E TERRITORIALIDADES EM RORAIMA

Com a iniciativa do INCRA, Roraima inicia ao final dos anos 1970 um amplo programa de assentamentos humanos dirigidos. Os projetos de maior monta foram instalados nas regiões leste e centro-oeste do Território, com a Colônia Alto Alegre e os chamados Programas de Assentamento Rápido (PAR) Apiaú e Baraúna e, ao sul, com o PAR Jauaperi e os Projetos de Assentamento Dirigidos (PAD) Salustiano Vinagre (atual Anauá) e Jatapú. Durante os anos 1970 e 1980 ocorreu a implementação de diversos projetos, atualmente administrados pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) ou pelo Instituto de Terras do Estado de Roraima (ITERAIMA).

Segundo Diniz (2003), os projetos de colonização agrícolas implementados desde a criação do Território acabaram por promover a transferência de colonos de regiões deprimidas economicamente do Nordeste brasileiro. Ainda que esta colonização dirigida tenha alcançado diversos estados nordestinos, é fundamentalmente o Maranhão o que mais contribui naquele momento no fornecimento de colonos imigrantes em direção ao novo Território Federal. Na realidade, esta primazia do Maranhão como grande fornecedor de mão de obra é observada ao longo de muitas décadas, exercendo ainda importante papel na

Tabela 1 – Imigrantes em Roraima, conforme estado de nascimento, número total e porcentagem relativa à população total do estado – 2009.

Estado de nascimento	Número total (em mil hab.)	% do total da população residente em Roraima
MA	90	20,88
PA	30	6,9
AM	27	6,26
CE	14	3,25
PI	8	1,86
GO	5	1,16
PR	4	0,92
SP	3	0,7
RO	3	0,7
RS	2	0,46
Total MA, PA, AM, CE	161	37,3
Total imigrantes	222,6	51,6
População total	431	100,00

Fonte: Elaborada pelo autor a partir da PNAD 2009.

composição do fluxo migratório em direção a Roraima. Neste sentido, Freitas (1997, p. 2) afirma:

Esta ligação histórica entre o Maranhão e Roraima se fortaleceu através do tempo, gerando e perpetuando uma série de fluxos [...] ligando comunidades específicas nos dois estados.

A Tabela 1 mostra os dados retirados da PNAD 2009. Chama a atenção o fato de mais da metade da população ter nascido em outra unidade da federação. Ademais, mais de 37% nasceram no Maranhão, Pará, Amazonas ou Ceará, os quatro principais “fornecedores” de imigrantes para Roraima. Os imigrantes oriundos destes quatro estados representam nada menos do que 73% do total de nascidos em outras unidades da federação.

Até a primeira metade dos anos 1980, ao menos 14 projetos de colonização agrícola já haviam sido instalados em Roraima, favorecendo sobremaneira a convergência de pessoas em direção à região. Silveira e Gatti (1988 apud BARBOSA, 1993, p. 183) afirmam que

[...] o surgimento de um fluxo migratório mais intenso [...] representaria uma forma de expansão da fronteira caracterizada por um campesinato diferenciado.

Camponeses estes que já haviam experimentado outra etapa migratória, oriundos de outras frentes de colonização na própria Amazônia, particularmente de Rondônia. Ainda segundo o autor,

Teriam sofrido o impacto de uma maior demanda por terras ou mesmo ter passado pelo processo de fracasso dentro da agricultura nestas áreas. (BARBOSA, 1993, p. 183).

Ao estudar os principais fluxos migratórios em direção a Roraima nos últimos quinquênios das décadas de 1970 (1975-1980) e 1980 (1986-1991), Diniz e Santos (2005), partindo dos Censos Demográficos de 1980 e 1991, mostram a seguinte situação, visualizada nas Tabelas 2 e 3³.

Percebe-se, pela tabela anterior, a prevalência de Boa Vista no destino dos imigrantes que chegaram a Roraima⁴. Dos 4.765 indivíduos, 3.284, ou 68, 9% se dirigiram para a capital. Do total de indivíduos, 30,8 % tinham como procedência o estado do Maranhão e, 131, o próprio Território de Roraima (migração intraestadual).

De 1980 a 1991 a população de Roraima cresceu 2,7 vezes (INSTITUTO BRASILEIRA DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1980, 1991), passando de 79.159 para 217.583 habitantes. A

Tabela 2 – Principais fluxos migratórios de Roraima: 1975-1980

Procedência	Destino	Número de imigrantes
Manaus – AM	Boa Vista	1.608
Manaus – AM	Caracaráí	377
Belém – PA	Boa Vista	374
Fortaleza – CE	Boa Vista	319
Imperatriz – MA	Caracaráí	374
Santa Luzia – MA	Boa Vista	284
Santa Luzia – MA	Caracaráí	278
Imperatriz – MA	Boa Vista	263
São Luis – MA	Boa Vista	241
Santarém - PA	Boa Vista	157
Bacabal – MA	Boa Vista	154
Santa Inês – MA	Boa Vista	132
Boa Vista – RR	Caracaráí	131
Rio de Janeiro – RJ	Boa Vista	122
João Lisboa – MA	Caracaráí	120
Aracati – CE	Boa Vista	114
Vitorino Freire – MA	Boa Vista	113
Bacabal – MA	Caracaráí	109
Rio Branco – AC	Boa Vista	96
Vitorino Freire – MA	Caracaráí	92
Total		4.765

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Diniz e Santos (2005) e no IBGE.

taxa de crescimento anual total ficou em 10,6%, enquanto a mesma taxa para as áreas rurais foi de 9,7%, muito acima dos 2,7% observados na década anterior. Estes números estão estreitamente ligados à criação de colônias agrícolas (23 no período), mas, sobretudo, à expansão do garimpo, principalmente a partir de 1987. Estimativas apontam (MACMILLAN, 1995) que aproximadamente 40.000 pessoas estiveram envolvidas diretamente na atividade garimpeira entre 1987 e 1991. Como já destacado, ainda que os atrativos de Roraima estivessem na área rural, a expansão populacional ocorrida na década de 1980 se apresentou muito mais intensa nas zonas urbanas (136%) do que rurais (35,3%). (SANTOS, 2004). Boa Vista, que possuía uma população de 43.016 habitantes em 1980, alcança quase 119 mil em 1991, um crescimento semelhante ao experimentado por Roraima como um todo. Sua participação no total da população do estado alcança 54,66%.

A tabela 3 mostra alguns pontos que merecem destaque. Primeiramente, é importante observar o incremento no total de imigrantes que aportam ao estado no período considerado (1986-1991). Este número foi 3 vezes maior que o do quinquênio 1975-1980. No que tange apenas à imigração interestadual, Santos e Diniz apontam que esta também triplicou, passando de um total de 11.729 indivíduos em 1975-80 para 33.086 em 1986-1991. Dito de outra forma, a partir dos dados data-fixa,

1986-91, 33.086 pessoas chegaram ao então Território Federal de Roraima. Tal incremento deu-se justamente pela expansão da atividade garimpeira na região.

Merece destaque, ainda, o fato de que alguns municípios que nem apareciam no quinquênio anterior (1975-1980) aparecem como importante local de procedência neste último período. Este é particularmente o caso de Itaituba, no estado do Pará. Não por coincidência, o município em questão também era uma área fortemente marcada pelo garimpo, assim como Santarém, que, ainda que presente como importante “fonte” de imigrantes no primeiro quinquênio considerado, apresenta maior relevância no segundo período. Importante também é a presença de Porto Velho como um município fornecedor de imigrantes para Roraima, oriundos de uma região de fronteira agrícola mais antiga. A continuidade da importância do Maranhão, até com o surgimento de novos municípios fornecedores de imigrantes (como Zé Doca, por exemplo) se dá pelo prosseguimento das relações socioeconômicas históricas entre as duas regiões, intensificadas pelas campanhas feitas pelos governos locais para atrair ainda mais maranhenses para a região.

Estas campanhas serão “ajudadas” pela existência de uma rede (ou redes) social formada por imigrantes mais antigos que darão suporte aos entrantes mais recentes⁵.

Tabela 3 – Principais fluxos migratórios de Roraima – 1986-1991

Procedência	Destino	Número de imigrantes
Manaus – AM	Boa Vista	2.300
Itaituba – PA	Boa Vista	1.564
Imperatriz – MA	Boa Vista	1.555
Fortaleza – CE	Boa Vista	946
Zé Doca – MA	Boa Vista	785
Belém – PA	Boa Vista	712
Santarém – PA	Boa Vista	705
Santa Inês – MA	Boa Vista	703
Porto Velho – MA	Boa Vista	586
São Luis – MA	Boa Vista	567
Rio de Janeiro – RJ	Boa Vista	556
Bacabal – MA	Boa Vista	498
São João da Baliza – RR	Boa Vista	443
Alto Alegre – RR	Boa Vista	403
Goiânia – GO	Boa Vista	376
Teresina – PI	Boa Vista	362
São Paulo – SP	Boa Vista	354
Acailândia – MA	Boa Vista	306
Xinguara – PA	Boa Vista	295
Mucajá – RR	Boa Vista	288
Total		14.304

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Diniz e Santos (2005).

Outro ponto de destaque é a exclusividade de Boa Vista como destino final dos imigrantes. Este fato decorre dos fatores descritos anteriormente, como a comercialização dos minérios, feita quase que exclusivamente em estabelecimentos da capital, assim como a espera por lotes agrícolas no interior do estado. A distribuição de lotes urbanos na periferia da capital também tem papel fundamental no movimento de pessoas em direção à cidade. Boa parcela dos 40.000 envolvidos diretamente no garimpo fixava residência em Boa Vista, tanto na casa de parentes e amigos como em residências construídas com material disponibilizado pelo poder público. No caso dos colonos agrícolas, muitos deles residiam também em Boa Vista, no que Santos (2004) denominou de *residência múltipla*, ocorrido pelo fato de que

O fenômeno só existe porque há possibilidade de casas na capital [...], bem como que a condição de aquisição situa-se de acordo com um padrão de racionalidade que não pode ser explicado por razões de sucesso econômico.

O início da década de 1990 é marcado pela intervenção do governo federal nas áreas de garimpo. Entidades de direitos humanos e ambientalistas chamavam a atenção para o genocídio de índios e as graves consequências negativas que a garimpagem estava proporcionando àquelas regiões. Tais denúncias contribuíram para que o governo federal interviesse na área, determinando o fechamento dos garimpos ilegais, o que representou um grande baque na economia roraimense. A mineração era a principal responsável pela arrecadação de tributos (ICMS) por parte do recém-criado estado de Roraima, além de se constituir na atividade econômica em torno da qual gravitava a economia roraimense. O fim do garimpo representou um movimento inverso nos fluxos migratórios. Ocorre uma maior migração de retorno de indivíduos para seus estados de origem ou de procedência, assim como o deslocamento para outras regiões ainda não “experimentadas” pelos migrantes. Ocorre, ainda, uma intensificação na migração em direção a áreas garimpeiras da Venezuela e da Guiana, países fronteiriços a Roraima. Paralelamente, ocorre uma migração mais intensa em direção a Boa Vista, inflando ainda mais a periferia da cidade.

Os anos 1990 representam uma redução na intensidade da imigração para o estado de Roraima, entretanto, tal movimento não pode ser desconsiderado. Em termos absolutos, a entrada de migrantes no estado foi significativa. Segundo dados de Diniz e Santos (2005), ao final da década, cerca de 45 mil pessoas haviam entrado no estado de Roraima. Dado que a saída de pessoas foi da ordem de aproximadamente 14 mil indivíduos, o saldo migratório foi da ordem de 31 mil pessoas. A tendência observada nos períodos anteriores é ratificada no período, quais sejam: a origem dos migrantes continua a ser o Nordeste brasileiro, sobretudo o Maranhão; o aumento da participação do Pará como o estado de última residência dos migrantes.

Não obstante o crescimento da participação de pessoas nascidas em outras partes do país (como sul e sudeste) que vieram diretamente ao estado, a massa de migrantes atualmente residentes em Boa Vista é de nordestinos que passaram por outra etapa migratória em estados do Norte, sobretudo Pará e Amazonas. Estes nordestinos acabam por incorporar alguns elementos da cultura nortista. Como exemplo, podemos citar um evento já conhecido em Boa Vista, a noite paraense (jantar organizado por paraenses com comidas e danças típicas do Pará), em que muitos participantes não são nascidos no Pará, mas que lá residiram antes de chegarem a Boa Vista. Neste sentido, Rocha (2006, p. 66) afirma que

[...] a própria experiência da mobilidade, seja no seu planejamento ou no ato concreto da transição de um território para outro é determinante para a configuração social destes indivíduos.

Obviamente os nordestinos não perdem sua identidade própria. Na verdade, perpetuam sua identidade das mais diversas formas, através de entidades sociais, grupos de folclore típicos e, no caso de muitos comerciantes, através da nomenclatura de seus estabelecimentos comerciais. Não é raro encontrarmos na cidade estabelecimentos com nomes que fazem alusão ao local de nascimento dos proprietários, como comercial Fortaleza, borracharia do cearense, lanchonete Aracati e assim por diante. É interessante destacar que a maioria dos comerciantes nordestinos, nasceu no Ceará (dados da Junta Comercial de Roraima).

A migração vai se constituir em elemento fundamental na configuração do espaço urbano na cidade. Ao estudar a migração nordestina

em Boa Vista, Vale (2007) busca a compreensão do fenômeno migratório desta população como matriz social que tem influência no processo de estruturação da sociedade roraimense, assim como as formas de territorialização dos nordestinos no espaço boa-vistense. Neste sentido, a autora afirma que “o processo de territorialização evidencia-se por meio de dimensões econômicas, políticas e culturais”. (VALE, 2007, p. 17). Entretanto, dois elementos nos parecem fundamentais neste processo. Primeiro, as fortes redes sociais que se estabeleceram desde as primeiras entradas mais expressivas de nordestinos no estado, nos idos dos anos 1970/80. Outro ponto de destaque é que as principais lideranças políticas do estado são naturais da região Nordeste do país. Dos quatro governadores que dirigiram o estado, desde sua efetivação em 1991, três (inclusive o atual) nasceram no Nordeste. Tanto na Assembleia Legislativa quanto na Câmara dos Vereadores da capital, cerca de metade dos representantes são nordestinos. No Centro de Tradições Gaúchas (CTG) é muito comum os shows de forró, mais do que qualquer manifestação da tradição gaúcha. Esta se faz perceber mais fortemente somente no mês de setembro, quando das comemorações da semana farroupilha. Um dos produtos alimentícios mais consumidos no estado é a paçoca de carne seca, típica do nordeste do país. Restaurantes de comida nordestina também são comuns na cidade. Essas constatações vão ao encontro do que afirma Vale (2007) sobre o processo de territorialização por parte dos imigrantes nordestinos. Neste sentido, são esclarecedoras as palavras da autora:

A territorialidade social é bastante expressiva em Boa Vista, com uma cultura que com qualquer das formas em que se apresenta, transforma-se em um elo condizente do migrante ao seu meio ambiente ainda que subjetivamente. (VALE, 2007, p. 221).

Ainda que a cultura nordestina, ou a territorialização nordestina esteja mais presente na cidade, outras manifestações territoriais se apresentam no espaço urbano boa-vistense (e roraimense). Com a expansão e complexificação da cidade, algumas formas de manifestação típicas de outras regiões aparecem de forma mais intensa nos últimos anos. É o caso de alguns tipos de comércio e serviços mais voltados a uma

parcela da população de origem geográfica e social distintas. Armazéns que comercializam distintas variedades de vinhos e frutas típicas do sul do país surgiram na cidade recentemente. A comercialização de erva-mate, bebida típica do Rio Grande do Sul, também teve um crescimento importante, assim como de produtos da culinária paraense.

Junto a esta heterogeneidade nacional na composição populacional e cultural roraimenses, há uma forte presença de população oriunda de países vizinhos, sobretudo da Guiana. Os guianenses levam a este espaço multifacetado um elemento significativamente distinto, a língua. A língua oficial no país é o inglês, mas, o dialeto típico do guianense não foi abandonado, tornando-se mais um elemento neste mosaico cultural denominado Roraima. A língua espanhola também se faz presente neste espaço, originada dos imigrantes venezuelanos que se encontram no território roraimense. Alguns bairros de Boa Vista atualmente comportam uma população significativa de guianenses que, nestes espaços, reproduzem sua territorialidade, através de suas representações culturais.

Por fim, temos a marcante presença de indígenas na população de Boa Vista. No ano de 2005, a FUNAI estimava uma população indígena em Boa Vista da ordem de 2.437 indivíduos. Já o Censo 2010 aponta para um total de 6.150 indígenas vivendo na capital roraimense. Este número representa cerca de 3,07% do total da população residente em Boa Vista, mas perfaz aproximadamente 22% de todos os indígenas que moram no estado.

3 CONCLUSÃO

Em suma, o estado de Roraima e, particularmente, sua capital Boa Vista, é um espaço multifacetado com distintas territorialidades, onde tal processo forma a estrutura da sociedade roraimense. Estas territorialidades expressam ou resultam do movimento migratório que tem sido a marca do estado pelo menos desde a década de 1970.

Pode-se afirmar que a sociedade roraimense, sua cultura e identidade estão ainda em construção, num amálgama forjado no âmbito de múltiplos processos sociais que dará, daqui a algumas gerações, a verdadeira “cara” de Roraima, definindo o que é o roraimense. Pessoas de vários estados da federação e de outros países compõem o mosaico cultural e linguístico que forjará a futura identidade roraimense.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. I. Ocupação humana em Roraima I: do histórico colonial ao início do assentamento dirigido. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 9, n. 1, p. 123-144, 1993.

CASTIGLIONI, Aurélio H. Migração: abordagens teóricas. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.). **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA, 2009. p. 39-57.

DINIZ, Alexandre M. A. A dimensão qualitativa da migração e da expansão da fronteira agrícola em Roraima. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 13, n. 21, p. 44-59, 2003.

_____; SANTOS, Reinaldo O. dos. O vertiginoso crescimento populacional de Roraima e seus impactos socioambientais. **Revista Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 25, p. 23-44, 2005.

FREITAS, Aimerê. **Políticas públicas e administrativas de territórios federais brasileiros**. 2. ed. Boa Vista: Corprint Gráfica e Editora, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 1980**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 abr. 2011.

_____. **Censo 1991**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 abr. 2011.

_____. **Censo 2000**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 abr. 2011.

_____. **Censo 2010**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 abr. 2011.

_____. **PNAD 2009**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 abr. 2011.

MACMILLAN, Gordon. **At the end of the rainbow: gold, land and people in the Brazilian Amazon**. Londres: Earthscan Pub., 1995.

ROCHA, Betty Nogueira. **“Em qualquer chão: sempre gaúcho!”: a multiterritorialidade do migrante “gaúcho” no Mato Grosso**. 2006. 161 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. **Políticas públicas economia e poder: o estado de Roraima entre 1970 e 2000**. 2004, 271 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos

Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

VALE, Ana Lia Farias. **Migração e territorialização: as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR**. 2007. 268 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista do Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2007.

NOTAS

- 1 Em 1962 o Território Federal do Rio Branco tem seu nome modificado para Território Federal de Roraima. Segundo alguns estudiosos (BARBOSA, p. ex.) esta mudança se deu em função da confusão que havia com Rio Branco, capital do Acre. Segundo o autor, correspondências e até mesmo pessoas acabavam parando nesta capital quando seu verdadeiro destino era o atual estado de Roraima.
- 2 O POLOAMAZÔNIA estava vinculado ao Ministério do Interior, portanto, ao seu orçamento.
- 3 Os autores usaram o quesito “data-fixa”, que mostra onde os entrevistados residiam numa data fixa anterior, no caso cinco (05) anos antes. Como o Censo de 1980 não continha este quesito os autores usaram um filtro no qual foram selecionados os indivíduos que tinham, em 1980, tempo de residência inferior a cinco anos nos municípios de Roraima e idade igual ou superior a cinco anos.
- 4 Dois pontos são importantes aqui. Primeiro: naquela data (1980) só havia dois municípios em Roraima, Boa Vista e Caracaraí. Segundo: os valores na tabela são apenas dos 20 principais municípios de procedência, não o total de imigrantes que chegaram no período.
- 5 Para alguns autores, existência destas redes é fundamental para o entendimento do processo migratório, chegando a constituir uma corrente teórica no âmbito dos estudiosos do tema da migração. Tais correntes serão tratadas em capítulo posterior. Para um primeiro contato com tal corrente, sugere-se a leitura de Castiglioni (2009).

Pedro Marcelo Staevie

Economista

Doutorando do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA)
Professor do Depto. Economia da Universidade Federal de Roraima (UFRR)
E-mail: pedrostaevie@yahoo.com.br

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413. Bairro Aeroporto, Boa Vista/RR
CEP: 69304-000